

PERSPECTIVAS BILÍNGUES: UMA ESCOLA NO CARIRI PARAIBANO

Stephania Raphaela Oliveira Silva.

Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa - Faculdade Nossa Senhora de Lourdes
stephania_rafa@hotmail.com

Várias polêmicas são geradas a partir do contexto da educação para surdo e foi pensando nisso que o presente artigo vem mostrar a importância da proposta bilíngue, tendo como foco a turma “Nossa Senhora da Conceição” localizada na Escola MEIF Presidente Vargas na cidade de Sumé - Paraíba. A metodologia de pesquisa utilizada foi de caráter qualitativo e exploratório. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foi observação das aulas, entrevistas e leitura de materiais sobre o bilinguismo, analisados à luz de teorias como as de Quadros (2005), Góes (1999), Brito (1993), Felipe (1997) e Souza (1998). O objetivo geral sugere mostrar a realidade e o trabalho desenvolvido na turma Bilíngue Nossa Senhora da Conceição, verificando os recursos e procedimentos metodológicos utilizados pelo professor em sala, assim como os meios pelos quais o conhecimento é adquirido pelos alunos. Para análise dos dados realizou-se um comparativo entre o antes e o depois da fundação da escola e as experiências vividas por aqueles que dela fizeram/fazem parte. Neste texto, serão discutidas algumas questões sobre a Língua Brasileira de Sinais, A educação inclusiva nos dias atuais e o Bilinguismo como proposta mais adequada para educação dos surdos, visto que, de acordo com os resultados, o ensino bilíngue garante o lugar do surdo na sociedade e faz com que seu convívio seja prazeroso no processo de comunicação e de aprendizagem.

Palavras Chave: Surdo. Inclusão. Escola Bilíngue. Língua de Sinais.

INTRODUÇÃO

A história da educação dos surdos sempre foi cheia de dificuldades, desde o início até os dias atuais, embora ultimamente estes indivíduos venham lutando com força e determinação para terem seus direitos garantidos, principalmente no que se refere a uma educação de qualidade. Frente a isso, podemos observar que o ensino para pessoas surdas passou e passa por um cenário educacional de fracassos, com práticas pedagógicas ineficazes, exceto a proposta bilíngue que vem sendo discutida e colocada em prática em alguns poucos lugares.

O ensino bilíngue é o método que mais se aproxima do respeito ao sujeito surdo tendo em consideração a sua identidade e cultura. O direito dos Surdos a uma educação bilíngue é garantido pelo Decreto Federal nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, fato que querendo ou não, fez com que pessoas com dificuldades auditivas conquistassem seu devido lugar, trazendo as mesmas a condição de se incluírem na sociedade de maneira efetiva e completa.

Diante desses fatos, “Perspectivas Bilíngues”, mostra a importância de se ter um ensino voltado para a utilização da língua de sinais como L1 e o português como L2 e também a eficácia que tal ensino traz para a vida dessas pessoas, quebrando o paradigma preconceituoso de que o surdo é um “coitado” que não tem capacidade de ler, escrever e tão pouco interagir.

Através da turma “Nossa Senhora da Conceição” mostraremos as atividades e a realidade do trabalho feito pela professora e a desenvoltura dos alunos, verificando se os recursos utilizados em sala de aula são realmente eficientes para obtenção do conhecimento da comunidade surda vigente.

1.1 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS DIAS ATUAIS

Para a Política de Educação Especial, o movimento de defesa à inclusão é entendido como “uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação” (BRASIL, 2008, p. 1). Podemos observar que a política de inclusão escolar tem como objetivo uma educação de qualidade para todos, uma inclusão a qual todos desfrutem do mesmo ensinamento, uma inclusão que na verdade só está escrita no papel e na realidade é pura exclusão.

A educação oferecida aos surdos do Brasil precisa ser resignificada, pois o cenário exibido é constrangedor. A presença de intérpretes em sala de aula de escola regular é inconstante, os professores em grande escala não são usuários da Língua de Sinais o que impede ainda mais a interação entre ele e o aluno, sem contar que essa impossibilidade comunicativa exclui ainda mais o sujeito surdo de todas as atividades realizadas em sala.

[...] pensar em educação de surdos é levar em conta, entre outros tantos possíveis aspectos que representam as experiências visuais das pessoas surdas, a sua língua de sinais. Inegavelmente, a linguagem é essencial ao ser humano para o estabelecimento de vários tipos de relações, para a expressão do pensamento e a constituição da subjetividade. Assim, há varias linhas de atuação possíveis para a produção de conhecimentos por pesquisadores envolvidos na educação de surdos. (QUADROS, 2005,p.46)

Uma coisa é certa, a escola regular é específica para ouvintes, pois todas as metodologias aplicadas estão interligadas ao oral/auditivo o que não é acessível de forma alguma à modalidade de ensino que o surdo deve vivenciar, visto que a comunicação do surdo se dá pela via visual/espacial. Frente a essa concepção, é necessário que o aluno tenha em seu currículo escolar uma abordagem bilíngue, pois só ela dissemina a participação do sujeito

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

surdo na sociedade, fazendo com que este alcance suas conquistas e ultrapasse os limites do preconceito.

A escola para surdos de proposta bilíngue proporciona, muitas vezes, o único contato que os surdos têm com a língua de sinais, tornando-se um espaço de construção de identidades. A partir do reconhecimento da identidade das trocas significativas com seus pares é que os surdos vão se fortalecer, estabelecendo relações seguras com o mundo, porque essas são feitas por meio de suas escolhas, compreensão e consciência. (MARTINS, 2012, p.159)

O aluno surdo precisa realmente de uma metodologia de ensino favorável, com recursos apropriados e salas adequadas onde o que é visual predomine, e é isso que o ensino bilíngue propicia, pois eles têm a mesma capacidade e desenvoltura que pessoas ouvintes, basta que suas necessidades educacionais especiais sejam atendidas.

1.2 BILINGUÍSMO, UMA PROPOSTA POSSÍVEL

A palavra bilinguismo, aplicado ao indivíduo, pode significar simplesmente a capacidade de o mesmo manifestar-se em duas línguas. Se trouxermos como proposta para a educação de surdos, vamos perceber que ela traz uma grande contribuição para o desenvolvimento destes, pois não somente muda uma escolarização como também garante práticas pedagógicas que favorecem um fortalecimento linguístico, o avanço cognitivo, afastando o surdo de uma visão clínica. Góes (1999) afirma que a língua de sinais será necessária para que haja condições mais propícias à expansão das relações interpessoais, constituindo o funcionamento cognitivo e afetivo, promovendo a constituição da subjetividade. Para que isso aconteça, os surdos precisam ter acesso à língua de sinais o mais cedo possível, tornando-se pessoas independentes e capazes de desenvolver pensamentos para uma concepção de vida adequada.

O Bilinguismo para surdo é muito mais que o aprendizado de duas línguas, pois ela transpassa a fronteira linguística e introduz o desenvolvimento da pessoa surda tanto na escola ou fora dela. De acordo com Souza (1998)

A partir do momento em que os surdos passaram a se reunir em escolas e associações e se constituíram em grupo por meio de uma língua, passaram a ter a possibilidade de refletir sobre um universo de discursos sobre eles próprios, e com isso

(85) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

conquistaram um espaço favorável para o desenvolvimento ideológico da própria identidade.

O aprendizado da Língua sinalizada deve anteceder o da Língua oral, usada na comunidade a qual o surdo faz parte, ou seja, a primeira língua que os alunos surdos devem estudar é a língua de sinais, que irá proporcionar a comunicação inicial na escola em que eles são instigados a se desenvolver, tendo em vista que, os surdos possuem certo bloqueio para a aquisição natural da linguagem oral.

Estudos concluíram que o processo das crianças surdas adquirindo língua de sinais ocorre em período análogo à aquisição da língua em crianças adquirindo uma língua oral-auditiva... As crianças com acesso a língua de sinais desde muito cedo, desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas nuances. (QUADROS 2005, p. 20)

Normalmente esse acesso à língua de sinais desde cedo não acontece, principalmente quando os surdos nascem em um seio familiar de ouvintes, ao qual muitas vezes são excluídos do processo de interação ficando assim isolados, pois os pais não demonstram se quer o interesse de aprender os sinais ou buscam subsídios para que os filhos aprendam, prejudicando o processo ensino/aprendizagem da língua de sinais e do próprio português.

Observando tudo que foi retratado, podemos ver que o processo de integração do surdo cresce a partir do momento em que o mesmo consegue interagir com todos, se expressando de um modo que lhe agrada, sem que haja repressão ou limitação, garantindo-lhe um lugar no espaço e fazendo com que seu convívio seja prazeroso no processo de comunicação e de aprendizagem.

METODOLOGIA

Para obter os objetivos propostos o presente trabalho foi desenvolvido através de uma metodologia de caráter qualitativo e exploratório na turma bilíngue “Nossa Senhora da Conceição” localizada na Escola MEIF Presidente Vargas na cidade de Sumé no estado da Paraíba. Iremos investigar a história da escola, a importância da mesma na vida de todos os sujeitos que a compõe e das práticas e recursos utilizados pelo professor em sala de aula,

(83) 3322.3222

buscando entendimento de como tudo acontece e de como o conhecimento é adquirido pelos surdos, pois, o bilinguismo é a proposta de ensino mais adequada, embora não muito praticada. O trabalho possui uma forte presença cultural para o conhecimento “In loco” da realidade pesquisada a fim de estabelecer por meio deles algumas discussões associadas à temática.

Os resultados foram alcançados através da coleta de dados, observação das aulas e leitura de alguns artigos sobre o bilinguismo assim como também uma pesquisa de campo, onde foram realizadas entrevistas com a professora, o instrutor e alguns alunos daquela escola que nos deram dados pertinentes e importantes para a construção do trabalho.

2.1 ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa¹ foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Presidente Vargas onde hoje funciona a turma Bilíngue para Surdos Nossa Senhora da Conceição, que foi fundada em 30 de março de 2012. A iniciativa partiu do poder Executivo que encaminhou a câmara de vereadores o projeto de Lei com o objetivo de atender alunos surdos de todo cariri paraibano, tornando a escola polo linguístico e educacional para surdos.

A implantação da escola se deu na comunidade Mandacaru, zona rural da cidade de Sumé, lá os surdos saíram do anonimato ao qual se encontravam. No início do ano de 2014, a Escola bilíngue para Surdos “Nossa Senhora da Conceição” foi fechada pela Secretaria de Educação do Município de Sumé, por motivos, segundo eles de pouca demanda e grandes gastos. A turma de surdos instalou-se em uma sala de aula da Escola Zélia Braz. No fim do ano de 2016, houve outra alteração, a turma bilíngue mudou-se novamente para uma escola de ensino regular, Presidente Vargas, a qual se encontra nos dias atuais.

A classe funciona hoje no turno noturno, com um total de 07 alunos do Ensino Fundamental em uma turma multisseriada que dispõe de um instrutor de Libras surdo, que ensina a Libras como primeira língua – L1 e uma professora ouvinte, que ensina a língua portuguesa escrita como segunda língua – L2 e todas as outras disciplinas são instruídas através da Língua Brasileira de Sinais.

¹ Algumas informações tiradas da monografia “Contexto histórico, linguístico e educacional dos surdos ao longo dos tempos: um novo paradigma construído na realidade da escola bilíngue de Sumé”.



ANÁLISE DE DADOS

A Escola Bilíngue dá suportes para que o aluno surdo adquira a língua que faz parte da sua comunidade/cultura, pois ela respeita suas particularidades e determina suas capacidades como meio de efetivar uma aprendizagem significativa. Apesar de ser um ensino pouco valorizado pelos poderes públicos, podemos notar a diferença na vida dos surdos e que os mesmos, hoje em dia, vivem novas perspectivas no município de Sumé.

As pessoas surdas da cidade tinham modos de comunicação diferenciados. A língua oficial da comunidade surda brasileira, a Libras, não era utilizada por ser desconhecida na região, o que pode evidenciar as precárias condições para o desenvolvimento dos surdos e nos ajudar a perceber dificuldades de toda ordem por eles não utilizarem-se de sua língua (PORTO, et.al. 2012, p.143)

Podemos observar que os surdos daquela comunidade não tinham ligação nenhuma com a língua de sinais, pois toda comunicação realizada, quando entendida, era feita através de mímicas o que para eles era motivo de grandes transtornos, porque limitava sua interação com todos que faziam parte de seu meio.

Depois que entrei na escola, tudo em minha vida mudou. Troquei os gestos por sinais e hoje tudo é mais interessante. (Aluno V)

Eu aprendi muito e continuo aprendendo. Minha vida mudou completamente. (Aluno B)

Um novo leque de oportunidades se abriu com a inserção do aluno surdo na escola bilíngue, ele começou a ampliar sua autonomia, transformando totalmente seu contexto de vida, motivando-se a adentrar, participar e ir em busca dos seus direitos na sociedade.

Tendo em vista todas as mudanças ocorridas nesse espaço escolar e todas as barreiras enfrentadas, ela é a única existente no cariri paraibano, ou ainda mais, no estado da Paraíba, e isso faz com que a mesma tenha grande importância na vida de todos aqueles que dela fazem parte.



Ter uma escola bilíngue é motivo de orgulho e vê-los crescer em todos os aspectos seja cognitivos- linguísticos é sem explicação. É maravilhoso perceber o quanto caminharam e o quanto ainda tendem a caminhar, não importa o tempo que cada um leve para desenvolver essas habilidades, o que importa é que a partir dessa escola eles serão capazes de contar e recontar suas próprias histórias em tempos distintos com olhar crítico e construtivo. (Professora C)

A escola bilíngue nos trouxe e nos traz grandes ensinamentos, hoje estou como instrutor, mas só cheguei até aqui por causa de tudo que aprendi nessa mesma escola. (Instrutor I)

Podemos notar na última fala, um processo de mudança real ocorrido na vida do instrutor, que não tinha perspectiva quando mais jovem para o futuro e que a partir de todo conhecimento adquirido nessa mesma escola, teve avanço tanto na sua vida social como na sua vida profissional.

Outro fato pesquisado foi sobre a inclusão dos surdos em escolas de ensino regular, que nos mostrou uma diferença notória em suas vidas.

Toda a minha vida estudei em salas inclusivas, é muito difícil, não aprendo nada porque os professores e colegas são ouvintes, não há comunicação e muito menos aprendizado. (Aluno V)

Não gosto de estudar em escola regular, porque os ouvintes não sabem libras e eu não compreendo nada. (Aluno O)

Quando eu era criança estudei em escola regular, não tenho boas lembranças. Sei que as crianças riam e brigavam comigo. (Aluno B)

A inclusão é e sempre foi um assunto que causa bastante polêmica, pois nunca é dado o suporte necessário e nem é criado subsídios que atendam as necessidades dos alunos, visto que normalmente a escola sempre se preocupa com a maioria, e a maioria sempre é ouvintes.

(...) o ensino da língua portuguesa para crianças surdas, principalmente em escolas regulares, não tem considerado este fato e as crianças surdas, inseridas em classes de crianças ouvintes recebem o mesmo tipo de atividade como se já tivessem adquirido esta língua naturalmente e tivessem o mesmo desempenho das ouvintes. (FELIPE, 1997, p. 41).

Segundo Felipe (1997), muito se fala sobre escolas inclusivas e segregadoras, porém a realidade diz respeito às crianças surdas em salas com alunos ouvintes que não conseguem de forma análoga interagir e compreender o que está sendo ensinado colocando-os em uma situação que exige sofrimento e paciência.

Tendo o bilinguismo como a proposta educacional mais apropriada para a educação de surdos, podemos observar de acordo com a entrevista realizada que a professora utiliza recursos como notebook, projetor, quadro, cartazes que dão um grande suporte a modalidade espaço-visual que o surdo deve ter, fazendo com que eles sintam-se satisfeitos e aprendam tudo da forma como realmente deve ser.

Eu gosto das atividades com imagens (projeção). Fico atento aos detalhes (Aluno V)

Eu gosto de atividades com imagens. Porque Deus criou um mundo perfeito e as imagens me chamam atenção (Aluno O)

Devemos entender também como é feito a avaliação em sala, quais os métodos que a professora adota para avaliar seus alunos.

A avaliação se dá no dia a dia, contínua e processual onde são avaliados: participação, desempenho visual e escrito nas duas línguas, Libras como língua mãe e Português como segunda língua. (Professora C)

Uma avaliação pertinente, pois tanto é estimulado o visual como o escrito e essa é a proposta do bilinguismo, fazer com que o sujeito surdo adquira a Língua de Sinais como primeira língua (Libras) e a língua oficial do seu país como segunda língua (português).

Os surdos, devido à falta de audição, requerem educação especial bilíngue. O tipo de Bilinguismo é o diglótico, isto é, o uso em separado de duas línguas, mesmo que de modalidades diferentes, cada uma em situações distintas. A Língua de Sinais será usada em todas as situações em que uma língua materna é usada nas escolas, exceto no que se refere à escrita e à leitura, onde ela pode ser o meio, mas não o objetivo. A língua oral será ensinada enquanto segunda língua e será o veículo de informação da tradição escrita” (FERREIRA-BRITO,1993:53,65)

Lembrando que o Português como segunda língua, deve ser aplicado com foco na escrita, já que o sujeito surdo tem percepção do mundo através do canal visual e a Libras não auxilia de forma alguma o aprendizado do Português oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de surdos, desde o princípio, sempre foi um assunto muito discutido, pois é somente através dela que pessoas com deficiência auditiva pode se inserir verdadeiramente na sua cultura. Tudo que o surdo sofre é resultado de um passado opressor, onde os mesmos eram tidos como pessoas incapazes já que os métodos utilizados eram extremamente oralistas e que sem sombra de dúvidas, não gerariam nenhum efeito.

O modelo de escola inclusiva atualmente é que vem ganhando certo espaço, visto que é uma proposta “adequada” para o processo de ensino aprendizagem do surdo, pois, não o exclui de forma alguma das atividades realizadas no espaço escolar. Em parte, isso é pertinente, tendo em vista tudo que o surdo sofreu no desenvolver de sua história, ter um intérprete já é grande avanço, mas não é o bastante, o aluno surdo carece de um espaço apropriado, com recursos visuais e professores preparados para o desenvolvimento de aulas com base em metodologias que atendam todos os alunos em suas peculiaridades educacionais, como prevê o Decreto 5626/2005.

Através da pesquisa, pudemos ver que surgimento daquela escola marcou e mudou a vida dos alunos que fizeram/fazem parte dela, apesar de sofrer todas essas mudanças ao longo dos anos, o que é lamentável nos dias de hoje, uma coisa tão importante ser desconsiderada pelas administrações públicas que na maioria das vezes não dão condições suficientes para que todos possam ter uma educação de qualidade.

Observamos e vivenciamos o processo de ensino/aprendizagem naquela sala e percebemos o quanto é importante na vida dos surdos aquele espaço e o quanto eles sentem-se

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

completos ao aprender tudo através da língua de sinais. Os recursos utilizados pela professora e pelo instrutor prendem a atenção dos alunos e facilita ainda mais todo conteúdo abordado, diferente dos métodos repassados em uma sala de ensino regular. Vale salientar ainda que o convívio dos surdos com seus pares privilegia o reconhecimento cultural e identitário Surdo. O incentivo e a interação ocorrida todas as noites naquele ambiente faz com que os alunos sintam-se autônomos e condutores de sua própria história, realizando suas próprias escolhas profissionais, lutando pelos seus direitos, cultura, identidade e conseguindo aos poucos alcançar seu lugar na sociedade, pois é isso que o ensino bilíngue para surdos proporciona o acesso ao desenvolvimento linguístico, educacional, social e cultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

Disponível em:

http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON_1988.pdf

Acesso em: 15 de maio 2017.

BRITO, L. F. **Integração social & Educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel; 1993.

FELIPE, T. A. **Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos**. Rio de Janeiro: Revista Espaço – INES, 1997. P. 41-46, Vol. 7.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

MARTINS, Carlos Roberto. A Cultura Surda na Escola. In:____. **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. led- Curitiba, PR:CRV, 2012.

NASCIMENTO, Adriana Farias do. **Contexto histórico, linguístico e educacional dos surdos ao longo dos tempos: um novo paradigma construído na realidade da escola bilíngue de Sumé**. Sumé – PB: [s.n], 2014.

QUADROS, R.M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília: MEC, 2005.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

QUADROS, R. M.; **IV Congresso Internacional e X Seminário nacional do INES.** Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, R. G. **Que palavra que te falta? Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez.** São Paulo: Martins Fontes, 1998